

LAURO ANTÓNIO
1942-2022



AMÉRICA, ANOS 70
Masterclass de História do Cinema 2025

AUDITÓRIO MUNICIPAL MAESTRO CÉSAR BATALHA
César Batalha

Sessão 41 | 14-outubro-2025 | ALLOWEEN (1978)



Há filmes que surgem discretamente e, quase sem se darem conta, redefinem uma gramática. *Halloween*, de John Carpenter, é um desses casos. Um filme pequeno, feito com meios reduzidos, rodado em tempo recorde e destinado, aparentemente, a ocupar um lugar entre tantos outros produtos de terror de série B que pululavam no mercado americano dos anos 70. Mas, tal como algumas obras de culto que nascem quase por acaso, este filme inscreveu-se na história do cinema como marco incontornável: o esqueleto a partir do qual se ergueria o chamado “slasher movie”, esse subgênero onde uma figura mascarada persegue, um a um, os jovens incertos, até restar a “final girl”, sobrevivente que resiste e enfrenta o monstro.

Carpenter não inventou o terror adolescente, antes dele já “*Psycho*”, de Hitchcock ou “*Black Christmas*”, de Bob Clark tinham ensaiado passos nesse caminho, mas deu-lhe uma clareza, uma depuração formal e uma eficácia narrativa que transformaram “*Halloween*” num modelo. A história é mínima, quase um conto de fadas negro: numa pequena cidade do Illinois, Michael Myers, um jovem que em criança assassinou a irmã, regressa do manicômio anos depois para semear o medo na noite de Todos-os-Santos. A simplicidade da história é deliberada; Carpenter não se perde em explicações psicológicas ou sociais. O mal, aqui, é absoluto, quase metafísico. Michael Myers é o “Boogeyman”, a figura que não morre, que regressa sempre, que espreita atrás das cortinas da infância.

O que torna o filme singular não é, portanto, a história, mas a forma. Carpenter filma com uma precisão que roça o geométrico. A sua câmara desliza pelos subúrbios adormecidos, acompanha em planos longos as personagens que se preparam para a noite de *Halloween*, e instala uma inquietação que nasce mais da espera do que do choque. Este é um cinema da sugestão. O que vemos, muitas vezes, é apenas um vulto ao fundo, um olhar fixo por detrás de uma máscara branca, imóvel como uma estátua. O horror constrói-se na imaginação do espectador. Não há sangue em excesso, não há grotesco gratuito. Há antes a lenta invasão do quotidiano por uma ameaça inexplicável.

Acredito que o cinema deve ser compreendido como uma síntese entre arte e artesanato, entre invenção estética e eficácia popular. *Halloween* cumpre esta regra com brilhantismo: é um exercício de estilo de um cineasta consciente dos mecanismos do medo, mas também um espetáculo popular, capaz de encher salas, de suscitar gritos e aplausos. Carpenter é um herdeiro de Hitchcock, mas também do cinema de série B que se fazia com engenho e paixão. A sua banda sonora, composta por si próprio em poucos dias, é talvez o exemplo máximo desta fusão de simplicidade e gênio: uma melodia repetitiva, quase infantil, mas que se cola ao subconsciente como um feitiço hipnótico. Poucos temas musicais foram tão eficazes a moldar uma atmosfera.

Jamie Lee Curtis, então uma jovem quase desconhecida, tornou-se o rosto da “final girl”, a sobrevivente que resiste à carnificina. A sua Laurie Strode não é uma heroína no sentido clássico, mas uma rapariga comum e tímida, cuja coragem nasce precisamente dessa normalidade. Carpenter, talvez sem o saber, abriu espaço para leituras feministas do género: a figura feminina que sobrevive porque resiste, observa, luta, em contraste com o grupo de amigos distraídos, punidos pela leviandade. Claro que há quem leia aqui uma moralidade puritana — o assassino ataca os jovens que se entregam ao sexo ou à diversão — mas parece-me mais interessante encarar Halloween como um retrato das fragilidades da adolescência, e da passagem abrupta a uma idade adulta marcada pelo confronto com o mal.

Não é exagero dizer que o filme inaugurou uma linhagem. Vieram depois “Friday the 13th”, “A Nightmare on Elm Street”, e toda uma vaga de imitadores. Muitos repetiram a fórmula sem a elegância, carregando no sangue, no choque, no susto fácil. Poucos compreenderam que o segredo estava na mise-en-scène, nesse jogo de olhares e silêncios, nessa economia narrativa que Carpenter dominava. “Halloween” é, nesse sentido, um filme que se deve rever com os olhos atentos ao detalhe: a profundidade de campo que coloca Michael Myers a observar sem que as personagens percebam, a forma como a montagem controla o ritmo da respiração do espectador, o uso da sombra e da luz nas ruas suburbanas.

O tempo passou e o filme ganhou sequelas, remakes, reinterpretações. Mas nenhuma delas conseguiu apagar a força original deste objeto de 1978. Continua a ser, décadas depois, um dos grandes exercícios de terror moderno, capaz de dialogar com o mito primordial do medo: o medo do estranho que invade a casa, que ameaça a infância, que não morre. Michael Myers é, afinal, uma máscara vazia: a projeção de tudo aquilo que não compreendemos no mal humano. E talvez seja por isso que a sua figura continua a assombrar o nosso imaginário coletivo.

Resumindo, “Halloween” é mais do que um filme de terror. É um ponto de viragem na história do cinema popular, um manual de estilo e suspense, uma obra que prova como o cinema, mesmo feito com pouco dinheiro e poucos meios, pode alcançar a dimensão do mito. Carpenter, nesse gesto, não apenas assustou uma geração: ensinou-nos que o medo, filmado com inteligência, pode ser também uma arte maior.

Lauro António

HALLOWEEN – O REGRESSO DO MAL | Título original: *Halloween* | Realização: John Carpenter (EUA, 1978)

Argumento: John Carpenter e Debra Hill; **Produção:** Debra Hill; **Fotografia:** Dean Cundey; **Montagem:** Tommy Lee Wallace, Charles Bornstein; **Música:** John Carpenter; **Direção de Arte:** Tommy Lee Wallace; **Guarda-roupa:** Carey Guidry; **Som:** William McKenzie, David Lewis Yewdall; **Efeitos especiais:** Don Post Studios (máscara); **Com:** Donald Pleasence (Dr. Sam Loomis), Jamie Lee Curtis (Laurie Strode), Nancy Kyes (Nancy Loomis), P. J. Soles (Lynda), Charles Cyphers (Sheriff Leigh Brackett), Kyle Richards (Lindsey Wallace), Brian Andrews (Tommy Doyle), Nick Castle (Michael Myers - “The Shape”); **Duração:** 91 minutos; **Distribuição:** Compass International Pictures; **Classificação etária:** M/18 anos.
